

As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento*

Alda Britto da Motta**

Resumo

Gênero e geração, como dimensões fundamentais da vida social, correspondem a categorias básicas – e mutuamente articuladas – de análise das relações sociais. Ser velho é uma situação vivida em parte homoganeamente e em parte diferencialmente, de acordo com o gênero e a classe social dos indivíduos em um grupo de idade ou geração. O gênero e a classe social estruturam as expectativas e conformam a ação social. Nesse sentido, a perspectiva de gênero e classe é especialmente importante na explicação das diferentes trajetórias de vida percorridas socialmente por homens e mulheres. Também ajuda a explicar como ambos, como sujeitos genderificados, socializados conforme sua situação de classe, experienciam o processo de envelhecimento e são afetados pelas políticas públicas concernentes à velhice. Ilustra-se essa dinâmica com resultados de estudos e pesquisas realizados em Salvador, Bahia.

Palavras-Chave: Gênero, Geração, Envelhecimento, Classe Social, Articulação de Categorias.

* Este texto é parte do capítulo 2 da minha tese de doutorado – *Não tá morto quem peleia*: a pedagogia inesperada nos grupos de idosos. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1999. Uma versão modificada, mais circunscrita à dimensão de gênero – *La Dimension du Genre dans l'analyse du vieillissement: le cas du Brésil* – foi publicada em *Cahiers du Genre*, nº 24, Paris, 1999. Recebido para publicação em setembro de 1999.

** Universidade Federal da Bahia, Salvador.

The Dimensions of Gender and Class
in the Analysis of Aging

Abstract

Gender and generation, as fundamental dimensions of social life, also correspond to basic – and mutually articulated – categories of analysis of social relations. Being old is a situation lived both homogeneously and differentially according to the gender and social class of individuals in an age group or generation. Gender structures social expectations and informs social action as much as class does; so, a gender and class perspective is specially important in clarifying different life trajectories traced by men and women. It also helps to explain how they, as gendered subjects, informed by an habitus of class, experience their process of aging, and are affected by age-related public policies. This dynamics is illustrated by findings from research conducted in Salvador, Bahia.

Key words: Gender, Aging, Generation, Social Class, Articulation of Categories.

Categorias de análise

A vida social é estruturada em conjuntos de relações que, em interface, ou articuladas dinamicamente, lhe dão sentido (ou ensejam ao analista entrever um sentido...). Os mais determinantes desses sistemas de relações são as classes sociais, os gêneros, as idades/gerações e as raças/etnias. Cada conjunto desses constitui-se, então, numa dimensão básica da vida social, mas nenhum deles, analisado isoladamente, dá conta da sua complexidade. Inclusive porque são aspectos co-extensivos, isto é, “recobrem-se parcialmente uma à outra”.¹

Essas dimensões realizam-se no cotidiano e na História e podem ser também definidas como categorias relacionais ou da experiência. Expressam diferenças, oposições, conflitos e/ou alianças e hierarquias provisórias. Provisórias, porque na dialética da vida os lugares sociais se alternam, as situações sociais desestruturam-se e reconstróem-se em outros moldes. Do ponto de vista de cada indivíduo ou grupo, isto significa a múltipla pertinência de classe, de sexo/gênero, de idade/geração e de raça/etnia, com a formação de subjetividades ou de identidades correspondentes.

Essas categorias relacionais mais determinantes, e analiticamente valiosas, referem-se quase todas ao biossocial: o sexo, a idade e a cor estão inscritos no corpo e na cultura como gênero, geração e etnia. Somente a classe, categoria sobredeterminante, refere-se apenas ao social, mas não deixa de ser um coletivo – teórico, político e da prática – que se corporifica em homens e mulheres de diferentes idades e raças. O elemento fundador de ordem biológica é, com freqüência, destacado para justificar, ideologicamente, o poder e a dominação – o sexo “frágil” e “burro”, a raça “preguiçosa” e “feia”, a idade imatura

¹ HIRATA, Helena e KERKOAT, Danièle. La classe ouvrière a deux sexes. *Politis*, Paris, jul./août/sept., 1993.

ou da “esclerose” –, não fosse a essência da ideologia a naturalização do social.

Isto significa que o conhecimento de cada uma das categorias remete, sempre, a uma análise de relações de poder. Análise que, anteriormente, quase só se fazia em relação a classes, em termos de lutas e conflitos. Mas a classes secamente estruturais, sem suas dissensões (frações) e divisões internas: “sem sexo, sem idade e sem cor”, como ainda encontrei terreno para criticar, há poucos anos.²

Entretanto, no bojo das discussões da multireferida crise de paradigmas na ciência atual, desenvolveu-se um novo debate sobre o alcance analítico das classes sociais, que oscila entre seu abandono teórico (ou conclusão sobre sua ineficácia analítica em relação à sociedade atual) e recurso a outros sujeitos teóricos ou atores coletivos, tais como gênero, etnia, região e nacionalidade³; ou, por outro lado, uma abertura de visão que percebe/incorpora, a uma análise de classes, a de outras categorias analíticas, de ordem bio-cultural que, em grande parte, referem-se aos sujeitos alternativos referidos anteriormente, mas que realizam-se em interface com as classes, articulam-se entre si e são por estas condicionados.

Esta última postura foi a do feminismo mais recente na sua trajetória de afirmação da importância das relações e de uma visão de subjetividade de gênero.⁴ A ela me filio.⁵

² BRITO DA MOTTA, Alda. Relações de gênero em movimentos coletivos de bairro em Salvador. Encontro Anual da ANPOCS, 15, Caxambu-MG, outubro de 1991 – GT-Relações Sociais de Gênero.

³ LARANJEIRA, Sônia M. G. Faz sentido falar em classes sociais? *Natureza, história e cultura*, Porto Alegre, Sociedade Brasileira de Sociologia, Editora da UFRS, 1993, p.89.

⁴ Cf. SCOTT, Joan. *Gender and the politics of history*. New York, Columbia University Press, 1988; SOUZA-LOBO, Elizabeth. *A classe operária tem dois sexos*. São Paulo, Brasiliense, 1991 –Trabalhadoras e Trabalhadores: o dia a dia das representações; KERGOAT, Danièle. Em defesa de uma sociologia das relações sociais. In: KARTCHEVSKY-BULPORT, Andrée *et alii*. *O sexo do trabalho*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986; COMBES, Danièle e HAICAULT, Monique. Produção e

A análise de classes, tradicionalmente considerada de ordem apenas estrutural, é melhor resgatada, atualmente, na proposta de Thompson:

A classe é uma relação e não uma coisa (...) Ela não existe para ter um interesse ou uma consciência ideal...

É um fenômeno histórico. Não vejo a classe como uma estrutura, (...) mas como algo que ocorre efetivamente e cuja ocorrência pode ser demonstrada nas relações humanas.

A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) aos seus.⁶

Alternativa ou complementarmente, uma outra dimensão da análise de classe, não diretamente referida ao político e particularmente útil no estudo de grupos, refere-se a uma sinopse de vivências e experiências, ou de práticas socializadoras,

reprodução. *Relações Sociais de sexos e de classes*. In: KARTCHEVSKY-BULPORT, Andréa *et alii*. *O sexo do trabalho*. Op.cit.; LAVINAS, Lena. *Identidade de Gênero: um conceito da prática*. *Encontro Anual da ANPOCS*, 13, Caxambu/MG, 1989; CASTRO, Mary Garcia. *Alquimias de categorias sociais na produção dos sujeitos políticos*. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, n° 0, 1992.

⁵ BRITO DA MOTTA, Alda. *Relações de gênero em movimentos coletivos...* Op.cit.; e *Familiarizando (-se com) o público e politizando o privado*. In: XIMENES, Tereza. (org.) *Novos paradigmas e realidade brasileira*. Belém, NAEA/UFPA, 1993.

⁶ THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária na Inglaterra*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, pp.9-11.

expressa pelo conceito de *habitus*.⁷ Na tradução interpretativa de Laranjeira:

Conjunto de condicionantes comuns em relação à atuação no cotidiano que produz experiências comuns e que, por sua vez, gera um conjunto de disposições internalizadas em relação a agir de determinada forma.⁸

No Brasil, o sentido teórico de classe e de categorias importantes, como experiência, desenvolvidas por Thompson⁹, foi trabalhado mais profundamente, e com criatividade, por Souza-Lobo. Seus textos mais antigos formaram parte significativa da produção pioneira de estudos e pesquisas sobre a dinâmica de classe e gênero e – um pouco menos – geração; os mais recentes, enfeixados na obra póstuma *A Classe Operária tem dois Sexos*¹⁰, tiveram reflexos nas pesquisas, inclusive internacionais.¹¹

Expondo a definição de experiência de Thompson: “Resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, a muitos acontecimentos interrelacionados ou a

⁷ BOURDIEU, Pierre. What makes a social class? On the theoretical and practical existence of groups. *Berkeley Journal of Sociology*, nº 22, Berkeley, 1987; *O poder simbólico*. Lisboa, Difel, 1989.

⁸ LARANJEIRA, Sônia M. G. Faz sentido falar em classes sociais? Op.cit.

⁹ THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária na Inglaterra*. Op.cit.; *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro, Zahar, 1991.

¹⁰ SOUZA-LOBO, Elizabeth. *A classe operária tem dois sexos*. Op.cit.

¹¹ Também participaram desse debate, entre outras, SAFFIOTI, Heleieth B. Rearticulando gênero e classe social. In: COSTA, Albertina e BRUSHINNI, Cristina. (orgs.) *Uma questão de gênero*. São Paulo, Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas, 1992, pp.183-215; CASTRO, Mary Garcia. Alquimias de categorias sociais... Op.cit; BRITO DA MOTTA, Alda. Relações de gênero em movimentos coletivos... Op.cit.

muitas repetições do mesmo tipo de acontecimento”¹², Souza-Lobo vai mais além, em direção à categoria gênero:

O conceito parece-me adequado na medida em que permite articular trajetórias e representações (...) quebrando a dicotomia objetividade-subjetividade, que (...) parece levar sempre a um impasse...¹³

O conceito de experiência é particularmente útil no estudo do envelhecimento, mas é também de importância geral, para pensar similitudes e diferenças de vivências no interior de cada categoria social. O exemplo do gênero: existem homens e mulheres (dois gêneros). Ao mesmo tempo, cada um deles apresenta variações internas à sua condição – diferenças de idade, de classe, de cor, etc. – o que se pode concluir que há diversidade de experiências de gênero e esta depende da valorização social de cada um desses aspectos e/ou da vivência que se tem deles. Há, então, hierarquias internas a cada dimensão.

É interessante pensar que essas diversidades e similitudes no interior de cada categoria – não apenas, é claro, do gênero – se dão exatamente em função da existência de outras categorias da mesma magnitude. É como um jogo, porém, sempre pleno de hierarquias.

Na prática da pesquisa as articulações são visíveis. Castro relata:

As sindicalistas (trabalhadoras domésticas) contam casos de racismo filtrado por relações de classe, indicam casos de sexismo no interior das relações raciais e rotulam como

¹² THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria*. Op.cit., p.15.

¹³ SOUZA-LOBO, Elizabeth. *A classe operária tem dois sexos*. Op.cit.

Gênero e classe social na análise do envelhecimento

distintos os problemas das mulheres mais jovens e das mais velhas (...) O sindicato seria lugar de mulher mais velha.¹⁴

Estudando, também, trabalhadoras domésticas, analisei:

Mulheres, esposas, enquanto gênero são social e familiarmente subordinadas; enquanto classe, são aliadas dos maridos. Como empregadas domésticas, e empregadoras, enquanto gênero são consideradas de “natureza” social comum; enquanto classe, são antagonistas.¹⁵

Essas categorias expressam diferentes dinamismos segundo o tempo e o lugar. Por exemplo, o ser negra na Bahia é uma determinação fundamental em movimentos culturais, políticos, ou até de trabalhadores, como os empregados domésticos, mas não é assim em todo o Nordeste, muito menos no Sul do país. Ser jovem ou madura importou, diferencial e decisivamente, para a mulher afrontar dificuldades familiares de inserção nos movimentos de bairro, pujantes de 70 e 80, mas certamente as condições de participação serão diferentes para a próxima geração.¹⁶

O gênero como categoria analítica é de constituição recente, do feminismo da década de 70. Elaborado mais sistematicamente por Gayle Rubin como “sistema de sexo-gênero”¹⁷, apresenta a opressão da mulher como socialmente construída. Estuda os sistemas de parentesco na produção das identidades de gênero e da subordinação da mulher.

¹⁴ CASTRO, Mary Garcia. Alquimias de categorias sociais... Op.cit., p.61.

¹⁵ BRITO DA MOTTA, Alda. Emprego Doméstico: revendo o novo. *Caderno CRH*, nº 16, Salvador, jan./jun. 1992, pp.31-49.

¹⁶ Id. Relações de gênero em movimentos coletivos... Op.cit., p.7.

¹⁷ RUBIN, Gayle. The traffic in women : notes on the “political economy” of sex. In: RAITER, Rayna. (ed.) *Toward an anthropology of women*. New York, Monthly Review Press, 1975.

A categoria é, em seguida, adotada com uma certa universalidade, referente à gradativa construção social/cultural realizada no ser biológico/natural que se é ao nascer. Torna-se uma categoria analítica ao mesmo tempo demonstrativa e crítica dos fatores ideológicos que informam a vida das mulheres. Constitui-se, por isso mesmo, como um certo gesto político, no conter, por definição, a negação da existência de uma “natureza” feminina e outra masculina. (Lembre-se, um dos mais persistentes estereótipos que se tentava apagar, na época, era o da mulher “mais perto da natureza” – pela maternidade, afetividade, etc. – e os homens da cultura, como seus produtores).

Propunha manter uma tendência desse novo campo de conhecimento, que se revelara desde o início dos estudos sobre mulher, de aliar a prática acadêmica à militância. O que já registravam Franchetto *et alii* como “extremamente interessante, pois obriga os sujeitos do fazer ciência a uma reflexão a um só tempo política e epistemológica”.¹⁸

Pensado também como um passo adiante da categoria mulher, que fora recuperada do cotidiano pelo movimento feminista como conscientizadora e instigadora de práticas políticas renovadoras, a categoria gênero postula ainda expressar a existência de um sistema de relações em que o homem está mais diretamente incluído, num movimento que expressei como de “recomposição da totalidade”.¹⁹

O conceito difundiu-se com rapidez na literatura feminista, principalmente nos *women's studies* da Inglaterra e dos Estados Unidos, onde, com Joan Scott, iria ter, na década de 80, amplo desenvolvimento como categoria de análise histórica.²⁰

¹⁸ FRANCHETTO, Bruna; CAVALCANTI, Laura V. C. e HEILBORN, Maria Luiza. Apresentação e Antropologia e Feminismo. *Perspectivas Antropológicas da Mulher*, nº 1, Rio de Janeiro, 1981.

¹⁹ BRITO DA MOTTA, Alda. *Emprego Doméstico: revendo o novo*. Op.cit.

²⁰ SCOTT, Joan. *Gender and the politics of history*. Op.cit.

Gênero e classe social na análise do envelhecimento

No Brasil, no começo da década de 80, algumas autoras trabalham a visão do gênero como uma dimensão básica da vida social. Franchetto, Cavalcanti e Heilborn, em artigo pioneiro, já expressavam: “Um ângulo de leitura do mundo”.²¹

Heilborn retoma, mais recentemente, essa análise:

(N)uma perspectiva simbólica da sociedade (...) o gênero está arrolado entre as categorias universais do pensamento humano.²²

[explica]

Gênero é um constructo abstrato, um princípio de classificação que emerge da observação do real: diferenciação sexual do reino animal e vegetal. Entretanto, o que a operação lógica mantém do real é o princípio da descontinuidade, do que não é idêntico, inscrito na biologia. Representa, portanto, a marca elementar da alteridade. (citando Hérítier²³)

[continua]

...Masculino e feminino possuem significados distintos em cada cultura. Este par classificatório, tomado como idioma, impera sobre atividades e objetos que a eles são associados (...) O universo circundante passa, portanto, por uma categorização de gênero.

[adiante]

Pode-se ir mais além e indagar se ele (gênero) se constitui em uma espécie de matriz de outras classificações

²¹ FRANCHETTO, B., CAVALCANTI, L. V. C. e HEILBORN, M. L. Apresentação e Antropologia e Feminismo. Op.cit, p.7.

²² HEILBORN, Maria Luiza. Fazendo Gênero?: a antropologia da mulher no Brasil. In: COSTA, Albertina e BRUSHINNI, Cristina. (orgs.) *Uma questão de gênero*. Op.cit., pp.103-104.

²³ HERITIER, Françoise. Symbolique de l'inceste et de sa prohibition. In: ISARD, M. e SMITH, P. (eds.) *La fonction symbolique*. Paris, Gallimard, 1979, pp.209-243. Citado por HEILBORN, Maria Luiza. Fazendo Gênero?... Op.cit., pp.93-128.

simbólicas, isto é, se possui, diante de outras atividades do pensamento, alguma precedência...

Outras autoras se aproximam de afirmações desse sentido fundante do gênero. Lavinias afirma: “A constituição de uma identidade social, qualquer que seja ela, implica necessariamente o processo simultâneo de construção da identidade de gênero”.²⁴ Em apoio inicial disto, cita o conhecido – na época, recente – trabalho de Souza-Lobo, que demonstra diferenças na assunção de identidades masculina e feminina. Os homens se identificando como trabalhadores e as mulheres sobretudo pela maternidade. Aquelas mulheres, porém, que já vivenciaram regularmente o trabalho fabril, “ao se enunciarem como operárias costumam identificar-se como ‘mulheres trabalhadoras’, incluindo o gênero como diferença constitutiva, e inseparável da sua condição de classe”.

Também discutindo gênero, os usos feministas da categoria e a difusão inicial de uma análise mais sistemática das outras categorias relacionais, analisei que:

A perspectiva das relações de gênero também lembra/ demonstra outras dimensões analíticas fundamentais na sociedade. Além de não ser necessariamente alternativa, mas co-extensiva à de relações de classe, também exemplifica ou enseja enfoques em outras categorias ou determinações sociais, como idade e raça, que têm diferentes dinamismos...²⁵

Uma afirmação pessoal básica como gênero, venho encontrando na pesquisa com idosos, principalmente da parte das mulheres. Sua identidade de gênero parece ser, realmente,

²⁴ LAVINAS, Lena. Identidade de Gênero: um conceito da prática. Op.cit., p.6.

²⁵ BRITO DA MOTTA, Alda. Relações de gênero em movimentos coletivos... Op. cit., p.7.

constitutiva da sua identidade (geracional) de idosas. Trajetórias sociais de gênero são determinantes na situação real e nos sentimentos dessas pessoas como idosas – ultrapassando, não raro, a diversidade de situação de classe – quando homens e mulheres se colocam diferencialmente quanto a possibilidades e sentimentos de bem-estar, liberdade e auto-realização na velhice.²⁶

A categoria idade/geração, como as outras categorias sociais referidas, também se expressa no marco das relações sociais de poder.²⁷ É grande sua complexidade analítica: além de referir-se a uma dimensão fundante de relações sociais, em articulação inextrincável a outras categorias de semelhante magnitude, projeta-se, mais que aquelas, em uma outra dimensão (ou abrangência), a temporal, ao mesmo tempo “natural” e social, através da qual faz e refaz seus sentidos.

As idades constituem importante fator de organização social, mesmo no capitalismo, com posições e situações especificamente definidas em todas as sociedades, e variados graus de formalização e reconhecimento institucional. Margaret Mead expressa belamente essa sucessão organizatória das idades, referindo-se particularmente aos velhos como “os imigrantes no tempo”²⁸ (O que, em certo grau, todos os grupos de idade também são).

²⁶ BRITO DA MOTTA, Alda. Chegando pra idade. In: LINS DE BARROS, Myriam Moraes. (org.) *Velhice ou terceira idade?* (Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política). Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1998; e DEBERT, Guíta Grin. Gênero e Envelhecimento. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, vol. 2, n° 3, 1994.

²⁷ Id. Chegando pra idade. Op. Cit.

²⁸ Mead, Margaret. *Culture and Commitment: a study of the generation gap*. New York, The American Museum of Natural History Press/Doubleday & Company Inc., 1970, p.56.

A noção de tempo é também inerente ao conceito de *habitus*²⁹ – um tempo social, uma construção de práticas “imediatamente ajustadas ao presente”. Esse conceito multívoco (*habitus* de classe, talvez também segundo o gênero), poderá, ainda mais, contribuir para a compreensão da categoria velhice no processo de reprodução social. Em *Coisas Ditas*, essa construção é sugerida:

O “habitus”, que é o princípio gerador de respostas mais ou menos adaptadas às exigências de um campo, é produto de toda a história individual, bem como, através das experiências formadoras da primeira infância, de toda a história coletiva da família e da classe...

Os “habitus” individuais são produto da interseção de séries causais parcialmente independentes. Percebe-se que o sujeito não é o ego instantâneo de uma espécie de cogito singular, mas o traço individual de toda uma história coletiva.

Basta que os agentes se deixem levar por sua “natureza, isto é, pelo que a história fez deles, para estarem... ajustados ao mundo histórico com o qual se defrontam, para fazerem o que é preciso...” (...) O contra-exemplo é o de Dom Quixote, que coloca em ação num espaço econômico e social transformado, um “habitus” que é produto de um estado anterior desse mundo. Mas bastaria pensar no envelhecimento.³⁰

Realmente, há muito a refletir sobre o sentimento do velho no mundo, e neste mundo atual, considerando-se que muitas das suas construções mentais e experiências foram forjadas e vivenciadas em um outro tempo social, desde um tempo passado. Mas não vejo porque a remissão apenas ao passado,

²⁹ BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo, Brasiliense, 1990.

³⁰ ID., IB., pp.130-132.

Gênero e classe social na análise do envelhecimento

porque o idoso vive também hoje e a experiência é uma jornada que não (tem que) termina(r).

Bourdieu, em outro momento, já havia discutido a alternância ou sucessão das gerações em termos de leis específicas de envelhecimento para cada campo:

Para saber como se recortam as gerações é preciso conhecer as leis específicas de funcionamento do campo, os objetos de luta e as divisões operadas por essa luta (“nouvelle vague”, “novo romance”, “novos filósofos”...) Isto (...) mostra que a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável.³¹

Chega às diferenças que geram conflitos mas que são também conseqüências de diversidades no tempo social:

Uma coisa muito simples e na qual não se pensa, é que as aspirações das sucessivas gerações, de pais e filhos, são constituídas em relação a estados diferentes da estrutura de distribuição de bens e de oportunidades de acesso aos diferentes bens: aquilo que para os pais era um privilégio extraordinário (...) se tornou banal, estatisticamente. E muitos conflitos de gerações são conflitos entre sistemas de aspirações constituídos em épocas diferentes. Aquilo que para a geração 1 foi uma conquista de toda uma vida, é dado, imediatamente, desde o nascimento, à geração 2.³²

A idéia de tempo social concentra outras articulações e formas de análise possíveis, por exemplo, entre o tempo histórico

³¹ BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983 – A Juventude é apenas uma palavra.

³² ID., IB., p.118.

e o tempo biográfico, ou como expressa Zárraga Moreno³³, o tempo da mudança social e o tempo dos indivíduos enquanto agentes sociais. Ou um tempo social etário e um tempo social geracional. Existem muitas categorias e enfoques para expressar as clássicas dimensões da relação indivíduo/coletivos/contexto social, é impossível a análise sem articulá-las, ainda que em intensidades muito diferenciadas de abordagem.

O tempo dos indivíduos é expresso mais perceptivelmente pela idade, mas, sabemos, é socialmente construído, e institucionaliza-se, isto é, adquire significado mais diretamente social como grupos de idade – jovens, adultos, velhos – ou como legitimidades para realizar, ou não, tal ou qual ação social.

O tempo das gerações tem um sentido eminentemente social e histórico. Conta com uma tradição de análise filosófica³⁴, mas apenas começa a ter um estatuto teórico construído nas Ciências Sociais, bastante esquecidas, de Mannheim.³⁵ Na discussão sobre categorias relacionais e construções culturais, tem-se sugerido a equivalência do par de conceitos idade/geração com outros pares já mais trabalhados teoricamente: geração estaria para idade como gênero está para sexo e etnia para raça. Isto é, ter-se-ia uma elaboração de ordem cultural sobre o seu correspondente par biológico. Reluto, diante dessa dualidade tão simples. O “biológico” idade, referente ao tempo “natural”, não é também de inscrição tão subjetiva nos indivíduos e nos grupos, no seu desconstruir-se/(re)construir-se anual, ao sabor das representações culturais da cada grupo? (Por exemplo, ainda é

³³ ZÁRRAGA MORENO, José Luis de. Generaciones y grupos de edad. Consideraciones teóricas. *Congreso Español de Sociología*, 4., Madrid, sept. 1992, pp.1-2.

³⁴ Cf. ORTEGA & GASSET, José. El tema de nuestro tiempo. *Revista de Occidente*, Madrid, 1929; MARIAS, Julian. El método histórico de las generaciones. *Revista de Occidente*, Madrid, 1949.

³⁵ MANNHEIM, Karl. *Essays on the Sociology of Knowledge*. London, Routledge & Kegan Paul, 1952 – The problem of generations.

muito mais simples um homem aceitar – ou ter aceitos – os seus 60 anos de idade, que uma mulher. Que haveria de biológico nessa diferença de atitudes?)

A inseparabilidade e intercambialidade analítica das duas categorias de experiência – ou de situação – podem ser exemplificadas na asserção de Zárraga Moreno:

Toda geração é determinada pela sucessão de conjunturas históricas em que vive, ainda que o efeito... de cada conjuntura seja distinto de acordo com a categoria de idade em que se encontra cada geração.³⁶

Assim como a inseparabilidade analítica entre idade/geração e outras categorias relacionais: “A determinação geracional não é, em cada conjuntura, nem única nem unívoca. (...) É distinta em cada classe social, em cada categoria de sexo, etc. É específica para cada uma delas”.

Como geração, os indivíduos, inescapavelmente, se reconhecem, como projeção coletiva. A grande realização dos grupos geracionais está na identificação como construtores de cultura, ou de mudanças políticas em determinados momentos históricos.³⁷ As gerações figuram, então, uma categoria mais abrangente que as idades (em relação à sucessão no tempo e sobretudo a esse sentido coletivo que encerram), mas não em todos os sentidos. Debert expõe outro ângulo da questão:

Enquanto as gerações têm como referência a família, as idades são institucionalizadas, política e juridicamente. A organização geracional subsume a ostensiva descontinuidade geral. A idade, em contraste, opera atomisticamente, com o indivíduo formalmente isolado (...)

³⁶ ZÁRRAGA MORENO, José Luis de. *Generaciones y grupos de edad*. Op.cit., p.28.

³⁷ MANNHEIM, Karl. *Essays on the Sociology of Knowledge*. Op.cit.

e deixa a questão da continuidade (...) para a ordem institucional não-familiar.³⁸

Isto é, para o Estado. As ações estatais, através do aparato jurídico e das políticas sociais, definem grande parte das formas de inclusão e exclusão social dos indivíduos segundo sua condição etária. Assim, o que figura mais definidamente individual e particular pode projetar-se como o mais público e formal.

Idades e gerações são importantes fatores de organização social. Isto é tão universal, “tão evidente”, que não se costuma referir. Entretanto, a condição etária e, principalmente, o envelhecimento ainda são, como assinala Debert, “mecanismos fundamentais de classificação e separação de seres humanos”.³⁹

Numa perspectiva de idade/geração, ser jovem ou ser velho é uma “situação” vivida, em parte, homoganeamente e, em parte, diferencialmente segundo o gênero e a classe social dos indivíduos de cada grupo etário. Na perspectiva de gênero, a trajetória de vida de homens e mulheres, como construção social e cultural, vem determinando diferentes representações e atitudes em relação à condição de velho(a).

Dessa forma, gênero e idade/geração são dimensões fundantes de análise da vida social. Expressam relações básicas, por onde se (entre)tecem subjetividades, identidades e se traçam trajetórias. Proposta uma análise da condição social atual de velho, não há como fazê-la sem esse conhecimento sobre os diferenciais de gênero e de classe social que a constituiriam internamente e lhe dariam específicos sentidos.

³⁸ DEBERT, Guita Grin. *Gênero e Envelhecimento*. Op.cit.

³⁹ ID., *IB.*, p.22.

Velhice: condição sexuada e de classe

Sobre os velhos, a informação por todos conhecida é a do grande crescimento como grupo etário por toda parte e, no Brasil, acentuadamente, com os problemas e “ameaças” que isso traz para a sociedade. Pouco se fala sobre a predominância de mulheres de um ponto de vista que não seja estatístico/demográfico. No entanto, o envelhecimento torna-se, realmente, uma questão global e particularmente “feminina”, demandando pesquisas sobre as características e conseqüências desse “desequilíbrio” em sua complexidade social e subjetiva. Há mais de dez anos já sentenciava Laslett: “The Third Age, always so much a feminine affair, is now becoming more so.”⁴⁰ No Brasil de hoje, as mulheres dão muito do tom social que assumem os grupos de “terceira idade”, com exceção dos do movimento de aposentados.⁴¹

O tardio Censo Demográfico de 1991 registrou tanto uma desaceleração do crescimento populacional – apenas 1,9% entre 1980 e 1990, quando havia sido de 2,49% ao ano entre 1970 e 1980 – como um crescimento relativamente mais acentuado do grupo dos idosos em relação a outros grupos etários. “Uma estrutura etária que se altera profundamente”, já registrava o *Relatório do Brasil para Conferência do Cairo*.⁴² Dos sete milhões de idosos computados em 1990, “cerca de 60% eram mulheres”.

Como mais numerosos, os velhos estão socialmente mais visíveis no cotidiano e no espaço público, sobretudo, como resposta existencial geracional à própria dinâmica da sociedade contemporânea. Identificados, recentemente, como “questão

⁴⁰ LASLETT, Peter. The Emergence of the Third Age. *Ageing and Society*, Cambridge, 1987, p.143.

⁴¹ BRITTO DA MOTTA, Alda. Os velhos baianos (e a “música” é cada vez mais nova). *Bahia, Análise & Dados-SEI*, Salvador, vol. 6, nº 1, junho de 1996.

⁴² BRASIL. *Relatório do Brasil para a Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento*. Brasília, dezembro de 1993, p.46.

pública”⁴³, são objeto do discurso ambíguo – protecionista e ao mesmo tempo temeroso – das instituições e do Estado.

Também descobertos como nova e promissora fatia de mercado consumidor, estão postos diante de uma sociedade sempre em movimento, no acelerado ritmo de mudança tecnológica, intensificação paroxísmica da comunicação e enfraquecimento do Estado, características do processo de globalização. Os idosos respondem e também se movimentam, estão em toda parte, agarram-se a todas as propostas. Entretanto, fazem isso, não num sentido de grupo etário internamente indiferenciado, homogêneo abstrato, “subcultura” à moda dos anos 40/50, agem como coletivo etário ou geracional, portanto, específico, segundo diferenciações sociais, heterogeneidades constitutivas, segundo as quais todos sempre viveram enquanto indivíduos de diferentes sexos/gêneros, de diferentes classes sociais e etnias.

Auto-afirmar-se no cotidiano é a primeira forma de diferenciação da velhice segundo os gêneros e as classes sociais. As mulheres, voltadas desde o início à domesticidade e ao cotidiano, e alguns dos mais pobres, que não têm quem os proteja ou os substitua em tarefas e na provisão da família, têm permanecido mais ativos. E reconhecem-se assim. Declaram-se vigorosos, saudáveis, independentes, principalmente as mulheres.

Diferem quanto a atitudes, práticas e representações, porque as relações de gênero, como construções sociais de formas de dominação e subordinação, têm resultado, historicamente, em experiências e trajetórias sociais diferenciadas para homem e para mulher. Para esta, a prescrição tradicional foi: domesticidade e maior repressão social e sexual, desestímulo ou dificuldade de acesso e permanência no mercado de trabalho, desigualdades de formação e de condições de trabalho em relação às dos homens, negação aparente de interesse e

⁴³ DEBERT, Guita Grin. Gênero e Envelhecimento. Op. cit.

capacidade para a política e apropriação social do seu corpo expresso no controle familiar e na medicalização das funções reprodutivas. Sintetizando, a expectativa obrigatória de uma “feminilidade” que significa obediência e conformismo. Este padrão encontra-se em franco desmonte, mas norteou a vida das mulheres que hoje são velhas. Do mesmo modo que a prescrição, ora cômoda, ora desconfortável, de uma fórmula de intensa e variada parceria sexual, afirmação de “masculinidade” como dominação da mulher e filhos, obrigação de ser o provedor único da família e expectativa de recebimento de “serviços” domésticos das mulheres, foi o que vigorou – e em parte ainda persiste – para os homens dessa mesma geração.

Diferentes expectativas sociais nortearam a trajetória desses homens e mulheres de mais idade com tal intensidade, que os diferenciais de gênero obscurecem ou ultrapassam, com frequência, as diferenças de classe desses velhos e velhas de hoje. Também por isso a categoria gênero é de grande relevância nesta análise.

Dependendo da classe social e dos arranjos familiares, ser velha pode significar viver em grande pobreza, ou até na miséria, mesmo para aquelas originalmente de classe média, por tratar-se de uma geração de escassa participação no mercado de trabalho e, portanto, com poucos recursos pessoais de sobrevivência. Pode significar, também, falta de companheiro ou solidão mais freqüente, devido ao maior número de viúvas, ao crescente número de separadas, ou de solteiras com filhos, mulheres chefiando famílias que nunca se constituíram “completas”. Ao mesmo tempo, não raro são arrimos de família dos filhos adultos, como encontrado entre as classes populares de Salvador.⁴⁴

⁴⁴ SOUZA, Nadiesel, PONTES, Paula e ROCHA, Sérgio. As representações do envelhecimento. Trabalho final de graduação em Ciências Sociais - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1994.

Mas podem ser sós também as casadas, desde que as trajetórias tradicionais dos gêneros não foram traçadas para confluir em companheirismo. Depõe D. Engrácia, 70 anos, como várias outras idosas:

Me sinto sozinha demais. Ele trabalha o tempo todo. Saiu de manhã, chegou agora [Fim de tarde]. Toma banho, descansa um pouquinho, só chega dez horas, onze horas, vai bater um papo com os camaradas.⁴⁵

Na modernidade ocidental, ser velha é, sobretudo, ter perdido uma importante e não-falada condição social de reprodutora, é colher um pouco dos frutos desta nos filhos – uma compensação afetiva, um apoio ou uma carga, a depender do caso. Mas é, também, ir conseguindo (ou ter conseguido) a libertação de certos controles societários que se referiam justamente à reprodução e a tolheram durante toda a juventude. Essa libertação vem, surpreendentemente, entusiasmando as mulheres idosas, a ponto de, por vezes, obscurecer-lhes a percepção de toda uma gama de preconceitos sociais ainda vigentes em relação aos velhos e às mulheres.

Este é, certamente, o ponto nodal da diferença entre práticas e representações de velhas e velhos. Estes ficam mais “realistas” ou mais dominados pela “ideologia da velhice”, enquanto elas se deixam levar pelo entusiasmo dessa “liberdade” recém-conquistada⁴⁶ e se tornam mais ativas, meio triunfalistas.

Pesquisas recentes vêm revelando que grande número de mulheres, independente da classe social, considera sua etapa atual de vida, como idosas, o momento mais tranqüilo, feliz e livre que já tiveram.⁴⁷ O fato de a maioria das velhas atuais não

⁴⁵ ID., IB., p.38.

⁴⁶ BRITO DA MOTTA, Alda. Chegando pra idade. Op. cit.

⁴⁷ FERREIRA, Adilton Roque e RODRIGUES JUNIOR, Valdomiro B. *Idosos: esse novo velho objeto* (um estudo do preconceito contra a terceira idade). Trabalho final de Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas,

Gênero e classe social na análise do envelhecimento

ter alcançado uma vida profissional ativa e, ao mesmo tempo, ter tido uma vida social muito mais limitada que os homens da sua geração, conduziu-as a um sentimento de maior satisfação e plenitude. Justamente na velhice, um tempo de consolidação de experiências, de libertação das obrigações e controles reprodutivos, tendo encontrado um tempo social propício à mudança, inclusive fermentado no caldo de cultura do feminismo, podem experimentar modos de vida novos. Essas mulheres falam, então, em liberdade, como se uma “liberdade de gênero” se sobrepujasse à condição (menos favorável) geracional ou de classe⁴⁸:

Estou feliz. Agora que eu estou velha, ele [o marido] não se incomoda que eu saia, não. Eu me considero uma pessoa jovem, porque quando eu estava jovem eu nunca tive direito de ir a lugar algum. (D. Celina, 73 anos, de um Centro Assistencial)

Tudo bem (...) aqui tranqüila. [No grupo] Ninguém me manda mais, chego em casa na hora que eu quero, não tem ninguém pra perguntar a hora que eu chego. (D. Regina, de associação de bairro)

Entretanto, como analisei em trabalho anterior,

...é uma estranha liberdade, a de todas elas. Estranha, pela dupla valência: como liberdade de gênero, assinala-se positivamente – mulheres que podem circular, viver

Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1992; ANDRADE, Eliane Schmaltz Ferreira. Somando Papéis Sociais: trajetórias femininas e seus conflitos. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1992; BRITTO DA MOTTA, Alda. Chegando pra idade. Op. cit.; DEBERT, Guita Grin. Gênero e Envelhecimento. Op. cit.

⁴⁸ BRITTO DA MOTTA, Alda. Chegando pra idade. Op. cit.

conforme sua vontade; mas como liberdade geracional e, sobretudo, existencial, tem também o sentido do marginalismo: podem sair porque já não importam tanto; já não serão bonitas (velho = gasto, feio), não irão atrair os homens – nem os da sua idade; já não reproduzem, não há muito o que preservar.⁴⁹

Algumas dessas mulheres não deixam de se referir a problemas de saúde que julgam “da idade”, mas ao mesmo tempo podem se afirmar como “jovens”, porque certas experiências e prazeres referenciados à juventude elas só estão conhecendo na velhice.

Os homens também falam em liberdade, mas com outros significados. Para os de classe média, liberdade se refere a “independência” ou “tranqüilidade” econômica.⁵⁰ Para os mais pobres, essa “liberdade geracional” guarda um forte sentido de classe: falam como ex-trabalhadores que atingiram uma época de descanso em que, desobrigados do trabalho, têm mais tempo para o lazer.⁵¹

Sr. Manoel, 73 anos, do grupo da associação de bairro, declara, taxativo: “Eu me aposentei pra me sentar”. Sobre o grupo, majoritariamente de mulheres: “Venho aqui pra dar risada e passar o tempo”.

Lugares sociais de gênero e de classe

Numa sociedade que não prevê um lugar social para os velhos e redireciona agora seu curso com extraordinária rapidez, eles se colocam como parte desse movimento, ou são

⁴⁹ ID., IB., p.13.

⁵⁰ DEBERT, Guita Grin. Envelhecimento e representação da velhice. *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro, vol. 8, julho de 1988.

⁵¹ SOUZA, Nadiesel, PONTES, Paula e ROCHA, Sérgio. As representações do envelhecimento. Op.cit., p.36.

estimulados a acompanhá-lo pelos agentes sociais e institucionais que percebem as possibilidades lucrativas do seu consumo de bens variados e de formas de lazer para “terceira idade”. Organizam-se grupos e programas de variada natureza, prioritária ou totalmente constituídos pelos de mais idade. Esses grupos tecem grande parte da estrutura que está visibilizando socialmente os velhos.

Vivenciando uma experiência nova, de atividade social fora do âmbito da família, esse processo tem sido liberador. Afastados do protecionismo cerceador dos filhos – costumeira e equivocada expressão que pode ser (ou não) de genuína afetividade – ou de uma nada incomum exploração dos “serviços” de avós como auxiliares domésticos (as queixas são agora freqüentes), redescobrem-se em sua individualidade e autonomia justamente na participação coletiva.

Nesse encontro com seus iguais geracionais, (re)descobrem interesses, memórias, experiências e até possibilidades de atuação que a vida no âmbito familiar – de aposentados ou de donas de casa menos exigidas – não deixava entrever. Esse movimento de autonomia em relação à família e um sentimento de proximidade e companheirismo geracionais são agora comuns a diferentes classes sociais, embora nuançados culturalmente: os das classes populares, principalmente as mulheres, como companheirismo e liberação das “tristezas” e conflitos da vida familiar na pobreza; os de camadas médias, mais facilmente percebendo as injunções sociais. Nesse sentido, os depoimentos de idosos de camadas médias em Salvador têm muito a dizer:

Foi uma coisa maravilhosa, me levantou mais, tomei mais conhecimento. Você fica na luta de casa, de filho, vai esquecendo as coisas. Prá mim foi maravilhoso. (D. Elisa, 69 anos)

A Faculdade me transporta para o passado, com o reencontro de pessoas da minha faixa de idade, em troca de cultura, conhecimentos e experiência. Amadureci sem

viver, quando passava catorze a dezesseis horas por dia dentro do trabalho... (D. Lícia, 61 anos)

...aqui a gente encontra ambiente em que a gente se sente à vontade, porque pressente que todos estão carentes de viver melhor. (...) A Faculdade aqui desperta potenciais e coisas que você nem pensava que era capaz ou nunca teve espaço para mostrar. Nós estamos avançando dentro da sociedade, mesmo encontrando barreiras impostas pela própria sociedade, como: “Já está velho para determinadas coisas...” (Sr. Orlando, 62 anos).

Também estes, de pessoas de classes populares:

Agora estou me despertando e começando a participar das coisas, sendo até atriz e participando de peças. Me sinto mais animada e sinto prazer em participar das coisas. (D. Natividade, 65 anos)

Depois que eu vim pra aqui [o grupo] vi uma coisa melhor, a gente se distrai tanto aqui, uma dá risada, os passeios que a gente faz... É uma turma de “coroa”! (D. Flora, 69 anos)

No Brasil, os idosos têm respondido às provocações mais instigantes da sociedade de duas principais maneiras, que implicam em diferentes práticas também de gênero:

1) Participando desses grupos com propostas culturais ou de lazer ampliado (inclusive com viagens), organizados tanto por agências governamentais (à maneira de serviço social), como privadas – entre os quais destacam-se os Centros de Convivência, os Clubes da “Maior Idade” e as “Universidades” para a “Terceira Idade”, majoritariamente constituídos por mulheres.

2) Organizando-se em associações (federações e confederações) de aposentados e pensionistas para lutar por direitos sociais, principalmente homens.

Estudando esse processo, me apoiei diretamente em pesquisa desenvolvida ao longo de quatro anos, além de algumas

realizadas por estudantes sob minha orientação – todas em Salvador. Estudei idosos de ambos os sexos e diferentes classe sociais, que se reúnem em quatro grupos: três organizados e um informal. A abrangência de idades foi ampla, concentrando-se entre 62 e 76 anos, mas incluindo alguns com menos de sessenta e mais de noventa.

Foram observadas suas expressões de sociabilidade e as atividades nos grupos, acompanhadas mais diretamente em algumas delas, e longamente entrevistadas. Das 125 entrevistas, a maior parte, “naturalmente”, com mulheres, a maioria dos participantes estava nos grupos organizados: comissão de idosos de uma associação de bairro, um grupo auto-organizado para fins de lazer associativo, uma amostra de alunos de uma “faculdade da terceira idade” (o único com participantes de classe média) e um grupo de homens que se reúne diariamente em uma praça pública de bairro popular.

As pesquisas dos estudantes foram realizadas em três espaços sociais diferentes: um Clube da Terceira Idade patrocinado pela Bahiatursa, um Centro Assistencial da rede estadual e a Associação dos Aposentados e Pensionistas da Bahia.

Os grupos com interesses culturais de sociabilidade e lazer têm sido propostos pelos discutidos agentes sociais de gestão da velhice, fenômeno mundial⁵², de que são ilustração, no Brasil, além dos pioneiros SESC e LBA – com atuação, em certos momentos, apreciável⁵³ –, os pequenos e sempre desentrelaçados programas governamentais das várias esferas. Também agora os grandes programas governamentais da publicizada Política Nacional do Idoso, que ainda não saiu suficientemente “do

⁵² LENOIR, Remi. L'invention du troisième age (constitution du champ des agents de gestion de la vieillesse). *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, mar./avr. 1979, pp.26-27; ARIÈS, Philippe. Une Histoire de la vieillesse? *Communications*, Paris/Seuil, n° 37, 1983.

⁵³ Cf. SEADE. *O Idoso na Grande São Paulo*. São Paulo, 1990.

papel”, além de variadas e ativas organizações privadas. As associações de aposentados constituem-se em respostas políticas, por vezes vigorosas, aos prejuízos impostos pelo Estado (um Estado que cada vez mais se desvencilha de obrigações sociais) aos “inativos”.

Esse movimento, como expressou Haddad,

abriu um espaço político extremamente rico, que ao questionar os limites impostos pela Previdência Social, ao recorrer de forma veemente ao envolvimento sindical, coloca a questão dos direitos dos inativos como uma extensão do direito do trabalho.⁵⁴

Proclamando-se, com ênfase, “a maior categoria do país”⁵⁵ conseguiram – durante a agora histórica “luta pelos 147%” de reposição devida nos seus benefícios previdenciários – realmente aglutinar aposentados e pensionistas em geral, mesmo os que não seriam diretamente atingidos pela incorporação daquele benefício, num processo muito interessante de construção identitária, e simbólica, da qual não estava ausente a questão diretamente da idade.⁵⁶

Na prática, em todo o País, além do recurso ao judiciário, os aposentados foram às ruas e às praças em passeatas e outras manifestações públicas, multiplicaram as entrevistas aos órgãos da imprensa, do mesmo modo como já se tinham organizado eficientemente em *lobby* no Congresso no período da Constituinte. Todos sabem da vitória no caso dos 147% da Previdência, mas é importante assinalar que os aposentados em

⁵⁴ HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo. El movimiento de los jubilados y pensionistas. *Congreso Español de Sociología*, 4, Madrid, setembro de 1992.

⁵⁵ SIMÕES, Júlio de Assis. A maior categoria do País (Notas sobre o aposentado como ator político). Encontro Anual da ANPOCS, 27, Caxambu-MG, 1994.

⁵⁶ OLIVEIRA, Gilson Costa. Entrevista. *Caderno do CEAS*, nº 139, Salvador, maio/junho de 1992.

movimento transformaram-se, ao longo dessas lutas, em fator definitivo de visibilização e de mudança da imagem dos idosos no Brasil. A imprensa documentou abundantemente essa trajetória até alcançar o registro histórico, pela *Folha de S.Paulo*, em 1992, de que a vanguarda política do País, naquele momento, era constituída pelos idosos.⁵⁷

A associação da Bahia (ASPEBA) foi bastante ativa naquele momento.⁵⁸ Estruturalmente, apresentava características comuns a esse tipo de organização no país, tanto do ponto de vista das categorias de associados e das formas de luta, como dos quantitativos e papéis de gênero ali representados. Eram majoritariamente constituídas por homens, que tangenciavam a quase totalidade dos aposentados e das lideranças, várias destas oriundas das lutas sindicais. Situação que seria de esperar-se de uma geração em que as mulheres participavam escassamente da força de trabalho e, portanto, não poderiam estar em grande número aposentadas. Essas mulheres eram basicamente pensionistas e apenas uma fazia parte da Diretoria, condizente com o padrão tradicional de participação das mulheres nessas agremiações – Diretora Social –, cuidando e obsequiando as pessoas nas reuniões, figurava a jovem equipe da pesquisa, uma eficiente anfitriã... Situações que remetem a posições de classe eram, entretanto, naquele momento de luta, assim comentadas: “... As profissões foram as mais variadas, indo desde o médico ao ajudante de cozinha, o que, entretanto, não parece criar qualquer embaraço na convivência do grupo”.⁵⁹

Sete anos depois a luta continua, mas agora muito mais difícil, quase esmagada pelo rolo-compressor da famigerada

⁵⁷ BRITO DA MOTTA, Alda. Chegando pra idade. Op. cit.

⁵⁸ Ver PEREIRA, Idma Alves, FRANCO, Nanci H. R., SOUZA, Railda A. de e MOREIRA, Rita de Cássia C. *Idosos em Movimento* (a conquista de um direito). Trabalho final de graduação em Ciências Sociais - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1992.

⁵⁹ ID., IB., p.55

Reforma da Previdência Social. De alguma forma, o balanço de gênero também está mudando na Bahia, a Associação foi recentemente presidida por uma mulher.

Outras formas principais de participação em grupo e de visibilização social dos idosos referem-se às citadas atividades culturais e de lazer. Sua grande variedade de classificações e seu número, surpreendentemente, crescente podem ser distinguidos nos três grandes tipos já referidos: grupos de convivência, clubes da “maior” idade e programas ou cursos para a “terceira idade”. Os dois primeiros direcionam-se claramente para o lazer e têm, não raro, algum apoio estatal para isso, particularmente os “clubes” filiados à EMBRATUR e/ou órgãos estaduais de turismo oficial.

Reitero que a maioria dos participantes desses grupos organizados para o lazer ou a cultura é de mulheres. Elas estão sempre em programas que tenham alguma organização formal, uma maneira, talvez, de justificar para a família (e para si próprias) sua “saída” de casa – reúnem-se em grupos, associações e clubes específicos para idosos, freqüentam cursos e “universidades” para a terceira idade”. Os homens, excetuando-se os dos movimentos de aposentados – não apenas porque demograficamente minoritários, mas até por tradição – reúnem-se em grupos mais espontâneos ou informais nos bancos das praças, nos jogos de dominó, nos clubes sociais, dependendo da classe social a que pertençam. Somente agora estão aumentando a participação em grupos mistos de lazer e de atividades culturais, mas de forma lenta.

Os grupos ou programas de propostas culturais ou educacionais são de variadas formas e eficácia e, freqüentemente, têm a equivocada pretensão de ensinar os velhos... a viver! Na Bahia tenho encontrado programas estruturados em variados níveis e temáticas para a classe média e propostas praticamente nominais para as classes populares. Os cursos são de extensão, em Universidades, ou os “laboratórios” e “oficinas” de curta

duração, organizados por profissionais também de origem universitária. As mais amplas e conhecidas dessas iniciativas são as denominadas Universidades da Terceira Idade.

Estas, como proposta, alinham-se, com outros programas culturais e de lazer, na atitude crítica em relação ao ainda vigente preconceito contra os idosos e, sobretudo, ao propor a vivência do processo de envelhecimento como um momento de retomada de atividades, de possibilidade de realizações pessoais, de sensação “de plenitude”, como gostam de expressar. Diferenciam-se dos outros programas ao propor processos de educação continuada que – associados às oportunidades de ampliação da sociabilidade, nem sempre previstas, mas que ocorrem claramente na prática – lhes dão configuração própria.⁶⁰

Quanto a definições de classe social, as associações e federações de aposentados são policlassistas⁶¹ e, apesar das variações ocupacionais de categoria, têm-se mantido coesas quanto às grandes reivindicações sociais, mas, ao mesmo tempo, evidentemente tocam mais às camadas médias e populares. A grande bandeira de luta do movimento concentra-se na defesa da Previdência Pública, tanto como instrumento de justiça social e expressão da solidariedade entre as gerações, quanto questão de sobrevivência para muitos.

Os grupos e programas de propostas culturais e de lazer, de participação feminina majoritária, têm uma expressão de classe mais evidente. Grupos de convivência são, em geral, constituídos

⁶⁰ GUERREIRO, Patrícia. A universidade para a terceira idade da PUC de Campinas e a experiência de envelhecimento. Trabalho final de Graduação, Universidade Estadual de Campinas, outubro de 1994; BRITTO DA MOTTA, Alda. Gênero, envelhecimento e universidade para a terceira idade. In: ÁLVARES, Maria Luzia Miranda e SANTOS, Eunice Ferreira. (orgs.) *Desafios de Identidade: espaço-tempo de mulher*. Belém, CEJUP, 1997; PEIXOTO, Clarice. De volta às aulas ou como ser estudante aos 60 anos. In: VERAS, Renato. *Terceira Idade. Desafios para o terceiro milênio*. Rio de Janeiro, Relume Dumará/UnATI, 1997.

⁶¹ PEREIRA, Idma Alves; FRANCO, Nanci H. R.; SOUZA, Railda A. de e MOREIRA, Rita de Cássia C. *Idosos em Movimento* (a conquista de um direito). Op.cit.

por mulheres das classes populares, as “universidades” para a terceira idade e clubes da “maior idade” são freqüentados, em sua maioria, por idosas de classe média.

Com novas propostas sociais, o movimento dos aposentados e os programas para a terceira idade são os grandes responsáveis não apenas pelo maior dinamismo e visibilidade atuais dos velhos, mas, sobretudo, para que essa imagem social seja realmente nova e mais positiva. Por isso, ainda que permaneçam visíveis práticas diferenciadas de gênero e, na maioria dos grupos, cada um em “sua” classe, a condição social de idosos – vivência de geração, reação ao desprivilegiamento social, etc. – os une.